

SOBRE A REVOLUÇÃO PERMANENTE- contra revoluções pela metade

JOYCEMAR TEJO

advogado no Rio de Janeiro, pós-
graduado em Direito Público

- dezembro de 2011

A revolução permanente tem sido, ao longo das décadas, tratada de forma claramente equivocada, seja por má-fé seja por ignorância. É considerada exemplo de esquerdismo algo anarquista, de uma “eterna insatisfação”, ou reduzida à *“necessidade de o proletariado estar permanentemente empenhado em ações de ataque revolucionário direto ao poder da burguesia”*¹. Levada a simplificação ao extremo, identifica-se a revolução permanente com um Exército Vermelho, combalido e recém-saído da guerra civil, invadindo a Europa e o mundo².

O método materialista dialético é tudo menos simplista. Toda posição reducionista, binária, deve ser refutada em prol da abordagem rica, complexa e dinâmica que é inerente ao marxismo. A má-fé e a ignorância, que eivam a teoria da revolução permanente de estereótipos e a reduzem à caricatura devem, portanto, ser devidamente combatidas.

Antes de mais nada, o termo **revolução permanente** não foi (mas poderia ter sido) uma criação de Trotsky. Aparece em Marx e Engels. Por exemplo, na “Questão judaica” (1844) e também na “Sagrada Família” (1845), mas com outro sentido³. O sentido que nos interessa, qual seja, o prosseguimento da revolução, para além das meras conquistas tipicamente democrático/ liberais rumo à conquista do poder pelo proletariado, aparece um pouco posteriormente. Assim, Marx identifica nos levantes burgueses de 1848 o ponto de partida para a tomada de poder pelo proletariado⁴ e, analisando a burguesia alemã ascendente de meados do séc. XIX, ao constatar seu caráter conservador, descarta a possibilidade de uma revolução burguesa “pura”, surgindo, como opção à contrarrevolução

¹ LEAL, Leovegildo Pereira. “Marxismo e socialismo- análise crítica da Revolução Cubana”. p.105. Belo Horizonte: Fórum, 2008.

² TEJO, Joycemar. “Revolução permanente x socialismo em um só país”.

<http://pcb.org.br/portal/precongresso/revolucaoopermanente.pdf>

³ LÖWY, Michael. “Revolução burguesa e revolução permanente em Marx e Engels”

http://www.fflch.usp.br/df/site/publicacoes/discurso/pdf/D09_Revolucao_burguesa_e_revolucao.pdf

⁴ TROTSKY, Leon. “A revolução permanente”. <http://marxists.org/portugues/trotsky/1929/11/rev-perman.htm>

absolutista feudal, a revolução democrática capitaneada pelo proletariado, pelo campesinato, pela pequena burguesia⁵.

Em “Trabalho assalariado e capital” (1849) Marx diz que todo levante revolucionário vai fracassar até que a classe operária vença, e que toda reforma social é utopia até que a revolução proletária vença numa guerra mundial. A frase de encerramento da “Mensagem do Comitê Central à Liga Comunista”, de 1850, é ainda mais emblemática: “*O seu [do proletariado alemão] grito de batalha deve ser: a revolução permanente!*”⁶. Refletindo, em tal chamado, o papel da classe trabalhadora perante o embate não só diante da burguesia como das velhas formas feudais, que insistiam em subsistir.

Como se depreende do exposto, a revolução permanente vem refutar a visão determinista da História, a que concebe uma “*ordem rígida de sucessão de etapas históricas (econômicas e/ou sócio-políticas)*”⁷. Dentro dessa concepção manualista, a Humanidade passa por etapas estanques: as formas arcaicas feudais são **necessariamente** superadas pelas formas burguesas que **necessariamente** são derrubadas pela revolução proletária. Ora: a marcha da História desconhece o advérbio de modo “necessariamente”. É o que nos diz, com outras palavras, Adam Schaff:

*Quando se fala (...) de determinantes econômicos da evolução histórica, não se faz confissão de um fatalismo econômico qualquer, e sim uma análise de determinantes da evolução, que vai da forma da produção, não obstante com certo atraso, até à disposição dos homens para aceitar certas concepções e atitudes. Nada mais. Portanto, não se estabelece a tese de que a evolução histórica deve assumir, indispensavelmente, tal forma, mas apenas que a sua orientação é esta*⁸.

A revolução permanente, refutando o determinismo (que dá azo a uma série de desvios oportunistas/conciliadores), vem portanto abrir caminho para que o proletariado, ele próprio, realize a tarefa que historicamente caberia à burguesia -qual seja, as conquistas democrático-liberais no processo de superação das formas feudais- mas não se

⁵ LÖWY, idem.

⁶ MARX, Karl. “Address of the Central Committee to the Communist League”. <http://marxists.org/archive/marx/works/1847/communist-league/1850-ad1.htm>

⁷ LÖWY, idem.

⁸ *Apud* SODRÉ, Nelson Werneck. “Fundamentos do materialismo histórico”. pp.43-44. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968. Os grifos são meus.

exaurindo nesse processo, ao contrário, mantendo (permanecendo) a revolução, já lhe dando caráter socialista. Isto é, a revolução permanente demonstra que

*em nossa época, o cumprimento das tarefas democráticas, proposto pelos países burgueses atrasados, conduzia diretamente à ditadura do proletariado, que coloca as tarefas socialistas na ordem do dia. Nisto consistia a idéia fundamental da teoria. Enquanto a opinião tradicional considerava que o caminho para a ditadura do proletariado passa por um longo período de democracia, a teoria da revolução permanente proclamava que para os países atrasados, o caminho para a democracia passa pela ditadura do proletariado*⁹.

À concepção “de manual”, determinista e fatalista, a teoria da revolução permanente vem apresentar o Homem como artífice da História, fazendo-a, sob as condições legadas, mas **fazendo-a**¹⁰.

Há que se observar que, paradoxalmente, também vamos encontrar mesmo em Marx e em Engels expressões dessa visão mecanicista da História, quando em mais de um lugar colocam a “*revolução burguesa e/ ou o desenvolvimento do capitalismo industrial como a preliminar histórica necessária de uma intervenção revolucionária autônoma do proletariado*”¹¹. Mas, como já vimos, a ideia de revolução permanente está mais que explícita nesses autores, de modo que se pode falar com acerto que

*a revolução permanente, na concepção de Marx significa uma revolução que não transige com nenhuma forma de dominação de classe, que não se detém no estágio democrático e, sim, passa para as medidas socialistas e a guerra contra a reação exterior, **uma revolução na qual cada etapa está contida em germe na etapa precedente, e só termina com a liquidação total da sociedade de classes***¹².

⁹ TROTSKY, idem.

¹⁰ MARX, Karl. “O 18 Brumário de Luís Bonaparte”. p.19. São Paulo: Martin Claret, 2008.

¹¹ LÖWY, idem.

¹² TROTSKY, idem. O grifo é meu.

A noção de que é possível a revolução proletária ainda em um cenário “pré-burguês” pode ser vista nas análises dos levantes russos de 1905, onde se tratava, *ainda*, de derrubar a autocracia czarista. Daí, na época, Lênin dizer:

*Da revolução democrática deveremos começar a progredir e, na medida exata de nossas forças, aquelas de um proletariado consciente e organizado, passaremos à revolução socialista. Nós objetivamos uma revolução permanente. Não devemos parar no meio do caminho*¹³.

Foi nesse período que Trotsky, em “1905” e “Balanços & Perspectivas”, publicados ao longo da década, faz o esboço dessa teoria, desenvolvendo o conceito, que é corolário da **lei do desenvolvimento desigual e combinado**¹⁴:

*Nestes dois textos, o ponto de partida é a análise do capitalismo russo e suas profundas relações com o capitalismo europeu. É a inserção da Rússia na economia européia o que a iria distinguir. Segundo Trotsky, “a sociedade russa que se formava sobre uma determinada base econômica interior estava sempre sob o influxo, e inclusive a pressão, do meio sócio-histórico exterior”*¹⁵.

A conclusão a que se chega é, se a Rússia não está madura para o socialismo isoladamente tomada, a inserção da Rússia no capitalismo global a habilita para tanto¹⁶. Conseqüentemente, o êxito do socialismo russo dependeria do “*comportamento futuro do capitalismo europeu e mundial*”¹⁷.

Parece-nos que a revolução permanente tem, portanto, duplo aspecto: um de verticalidade e outro de horizontalidade.

O aspecto vertical (de profundidade) da revolução diz respeito, como dito, ao aprofundamento da revolução capitaneada pelo operariado, realizando as conquistas meramente democrático-burguesas mas indo para além delas, já lhe dando um caráter socialista.

¹³ TROTSKY, Leon. “A História da Revolução Russa”. p.1013. v.3.3.ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1980.

¹⁴ BIANCHI, Alvaro. “O primado da política: revolução permanente e transição”.

http://www.revistaoutubro.com.br/edicoes/05/out5_07.pdf

¹⁵ BIANCHI, idem.

¹⁶ LÖWY, Michael. “A teoria do desenvolvimento desigual e combinado”.

http://www.revistaoutubro.com.br/edicoes/01/out01_06.pdf

¹⁷ TROTSKY, “A revolução permanente”.

Ao longo da Revolução Russa, tal situação ficou claramente delineada, conforme bem compreendido por Lênin na passagem da Revolução de fevereiro para a tomada do poder em Outubro¹⁸. Daí dizer nas célebres “Teses de Abril” (1917):

*A peculiaridade do momento actual na Rússia consiste na transição da primeira etapa da revolução, que deu o poder à burguesia por faltar ao proletariado o grau necessário de consciência e organização, para a sua segunda etapa, que deve colocar o poder nas mãos do proletariado e das camadas pobres do campesinato*¹⁹.

Não há que se esperar pela burguesia. Ela, em cenários de economia parcamente desenvolvida, é mesmo reacionária, acabando por temer mais o proletariado ascendente que as velhas formas. O papel revolucionário, assim, passa às mãos da classe trabalhadora que, em sua luta, acaba por matar dois coelhos com uma cajadada só.

Além do aspecto vertical, a teoria da revolução permanente se nos apresenta com outro enfoque, o horizontal. *Grosso modo*, é a expansão da revolução. É o seu aspecto mais vulgarizado e, mesmo, o mais óbvio, de modo que causa espanto que a incompreensão quanto a isso reverbere ainda na cabeça de muitos marxistas.

É do marxismo mais rudimentar a noção de que o socialismo, cujo escopo é o comunismo, é internacionalista. Não é por outro motivo que o Manifesto Comunista se encerra conclamando à união entre os trabalhadores de todo o mundo, e que, de forma cristalina, Marx e Engels afirmam que são premissas do comunismo “o desenvolvimento universal da força produtiva e o intercâmbio mundial que com ele se liga”²⁰.

Não se pode colocar “cercas” em torno de um país e dizer: “aqui é socialismo, a partir da cerca não”. Qualquer concepção do tipo, além de conciliadora -pois pressupõe a **coexistência pacífica** entre dois sistemas diversos, o socialismo e o capitalismo, ao invés de considerá-los em luta sem cartel- reduz a construção do socialismo a uma medida

¹⁸ IASI, Mauro. “Três originalidades e um velho caminho”.

http://www.pcb.org.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=2000:tres-originalidades-e-um-velho-caminho&catid=57:revolucao-cubana

¹⁹ LÊNIN, Vladimir Ilitch. “Sobre as tarefas do proletariado na presente revolução”.

http://marxists.org/portugues/lenin/1917/04/04_teses.htm

²⁰ ENGELS, Friedrich & MARX, Karl. “A ideologia alemã”.

<http://www2.cddc.vt.edu/marxists/portugues/marx/1845/ideologia-alema-oe/cap2.htm#topp>

meramente “*de ordem nacional e administrativa*”²¹. Daí a oportuna observação de Claudín, a respeito da concepção do “socialismo em um só país”:

*A doutrina staliniana introduz o postulado -contrário à fundamentação científica marxiana das condições materiais do socialismo- de que o socialismo integral pode ser construído num espaço regional, não necessitando do espaço mundial. Depois da Segunda Guerra Mundial, Stálin até afirmará que o comunismo pode ser construído no marco nacional da URSS. Trata-se, nos dois casos, de proposições arbitrárias, carentes de qualquer fundamentação teórica séria, impostas pela via da autoridade*²².

Tal revisionismo do Marx mais elementar cobra, de forma inexorável, seu preço, com a degeneração de tal arremedo de socialismo e seu melancólico soçobro. A menos que tal revolução “ossificada” se renove²³, com a retomada, pela classe trabalhadora, do processo revolucionário, afastando as castas burocráticas dirigentes e reassumindo os trilhos do internacionalismo.

Não queremos uma revolução pela metade, repetindo a fala de Lênin citada acima. À guisa de conclusão, que essa fala, **radical**, eis que marxista, fique como fecho deste pequeno trabalho.

²¹ TROTSKY, Leon. “A revolução traída”.

http://marxists.org/portugues/trotsky/1936/revolucaotraida/cap_05.htm#topp

²² CLAUDÍN, Fernando. “A crise do movimento comunista. v.2. O apogeu do stalinismo”. Trad. José Paulo Netto. p.655. São Paulo: Global, 1986. Os grifos são meus.

²³ TROTSKY, Leon. “A militant, revolutionary, and critical Marxist review is needed”. Em “Writings of Leon Trotsky (1936-37)”, p.359. New York: Pathfinder, 2010.